

# SÃO VICENTE, DIÁCONO E MÁRTIR

*Padroeiro de Lisboa*



Centro Cultural de Lisboa  
diácono



Cabido da  
Sé Metropolitana  
Patriarcal de Lisboa

Ficha Técnica *Projecto promovido pelo  
Cabido da Sé Metropolitana Patriarcal de Lisboa e  
coordenado pelo Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano*

#### Catálogo

Título *São Vicente, Diácono e Mártir. Padroeiro de Lisboa.  
1700 Anos do Martírio de São Vicente*

Autor *Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano  
Edição coordenada, organizada e dirigida  
por Isabel Maria Alçada Cardoso*

Fotografia *Arquivo Nacional de Fotografia para as peças n. 2, 99 e 100  
Carlota da Costa Cabral e Paulo Maia de Loureiro  
para as restantes fotografias*

Descrição das Peças *Maria da Graça D. Tavares Janz  
Incluindo biografia resumida dos pintores*

Design e Paginação *Bárbara e Carlota Costa Cabral*

Impressão e acabamento *SP - Artes Gráficas, Lda.*

*© Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano  
Todos os direitos reservados*

ISBN 972-99753-0-2

Depósito Legal 234333/05

[www.cclph.pt](http://www.cclph.pt) Outubro 2005

## A Passio de São Vicente

M. Isabel Rosa Dias

Entre os anos 303 e 304, o imperador Diocleciano ordenou a perseguição e a morte generalizada dos cristãos, procurando assim erradicar a religião por eles professada, que ao tempo alastrava a todas as partes do império. Na Hispânia, o governador Daciano executou essa ordem, fazendo vários mártires, alguns dos quais viriam a alcançar grande projecção cultural na história do Cristianismo hispânico. É o caso do diácono Vicente, de Saragoça, morto na cidade de Valência, ainda antes da promulgação do quarto édito imperial contra os cristãos. A partir destas duas cidades, o culto do mártir estendeu-se a outros lugares da península hispânica, ao Norte de África, a França, a Itália e a cidades orientais, como Salónica, tendo-se implantado também nas Ilhas Britânicas. A expansão do culto encontra-se documentada em variadíssimos testemunhos de natureza histórico-literária, litúrgica, epigráfica e iconográfica. Um dos mais importantes foi legado pela tradição escrita. Trata-se da *passio*, relato do martírio de Vicente, cuja versão primitiva, hoje desconhecida, deu origem a uma extensa tradição textual. As etapas mais remotas desta corrente tradicional inspiraram os autores que primeiramente procuraram immortalizar o nome do mártir. Cerca do ano 400, baseado numa versão já lendarizada da história do martírio de São Vicente, o poeta hispânico Prudêncio dedicou ao mártir o Hino V do *Peristephanon*<sup>1</sup>. E, na segunda década do século V, a partir de uma outra versão da *passio*, Santo Agostinho, bispo de Hipona, elaborou cinco sermões em homenagem ao mártir, a ele se referindo ainda, embora menos extensamente, num sexto<sup>2</sup>. A presença de relíquias do mártir em variadas igrejas e mosteiros, além de ter desencadeado a escrita de memórias evocativas das respectivas trasladações, impulsionou as contínuas releitura e meditação da sua *passio*, o principal agente promotor da difusão do culto. A *passio* fez parte da liturgia da Igreja universal, integrou passionários e legendários, foi objecto de citação e de reflexão na área da parenética. Os episódios nela narrados foram immortalizados na pedra, pelos escultores (por exemplo, nos capitéis das colunas do claustro interior do primitivo Mosteiro de São Vicente de Lisboa<sup>3</sup>, e nas paredes do túmulo de D. Afonso IV<sup>4</sup>); nos livros, pelos iluminadores (como mostram os livros de horas de D. Fernando e D. Manuel); e nos painéis e vitrais que ornamentavam as igrejas, pelos pintores (como exemplificava o grande retábulo da catedral de Lisboa<sup>5</sup>).

É hoje difícil de saber que estrutura teria o relato primitivo do martírio de São Vicente. Os testemunhos dele derivados, conservados pela tradição



São Vicente (Pompeu)  
VER AÇÃO ESCULTURA

<sup>1</sup> *Aurelii Prudentii Clementis Carmina*, a cura et studio Mauricii P. CUNNINGHAM, Series Latina, 126, Typographia Brepols, Editores Pontificii, Turnholt, 1966, pp. 288-289 (Carmina IV, vv. 77-108) e p. 294-313 (Carmina V).

<sup>2</sup> Sermão 4 (PL 38, cols. 33-37); S. 274 (PL 38, cols. 1252-1253); S. 275 (PL 38, cols. 1254-1255); S. 276 (PL 38, cols. 1255-1257); S. 277 (PL 38, cols. 1257-1268) e o Sermão I publicado por G. MORIN na *Miscellanea Agostiniana*, I, p. 243-245.

<sup>3</sup> Manuel Severim FARIA, *Miscellanea Litteraria, Notas, Lembranças, etc.*, tomo 14.º (Ms. 7642, BN de Lisboa).

<sup>4</sup> Rodrigo da CUNHA, *História Ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Vida e acções de seus prelados e varões eminentes em santidade, que nella floroceram*, Parte II, Capitulo XVII, p. 97.

<sup>5</sup> *Ibidem*.



Martírio de São Vicente  
VER SEÇÃO ILUMINADOS E MANUSCRITOS

hagiográfica, apresentam uma sucessão de episódios maravilhosos em torno do tema do mártir, combatente pela fé de Cristo. Tal sequência é resumidamente a seguinte: Vicente, diácono da igreja de Saragoça, afronta as disposições do governador Daciano, traduzidas num convite à idolatria, com a confissão reiterada da sua fé cristã. Indisponível para abdicar dela, o diácono é sujeito a vários suplícios, que contudo não o fazem recuar nos seus princípios. Mudando de estratégia, Daciano procura, através do abrandamento das torturas, a conversão de Vicente ao paganismo. Mas este acaba por morrer. Indignado, o governador expõe o cadáver à voracidade das feras. No entanto, um corvo protege-o. Daciano insiste na eliminação do corpo do mártir, lançando-o ao mar para que os peixes o devorem. Ao invés de se afundar, aquele flutua até à costa, onde é sepultado por cristãos.

Este esquema narrativo, constituído por uma série de sequências tipificadas, em que se exploram efeitos de dramatismo, influenciou a formação de outras *passiones*; corresponde, segundo a tipologia estabelecida por Hippolyte Delehaye, ao das paixões de carácter épico<sup>6</sup>. É muito provável que a construção do herói Vicente tenha começado no tempo de Prudêncio e que este poeta hispânico tenha contribuído para o aprofundamento deste processo.

Os bolandistas identificaram seis recensões diferentes da *passio*, registando as respectivas versões na *Bibliotheca Hagiographica Latina* (Bruxelas, 1949), sob os números 8627-8639. Não é, contudo, fácil distinguir umas das outras e muito menos saber que relações de dependência as ligam, com vista a situá-las num eixo cronológico. Após o estudo do *Pasionario Hispánico*, nos anos 50 do século passado, Ángel Fábrega Grau concluía que esta colecção conservava a versão mais antiga conhecida da *passio*, a qual deveria ter sido utilizada por Prudêncio e por Santo Agostinho<sup>7</sup>. Mas a conclusão a que chegou o estudioso espanhol não se baseou na análise da tradição manuscrita da *passio*, nem teve em conta os testemunhos mais antigos que a transmitem indirectamente, nomeadamente os do século V. Foi justamente a estes últimos que Victor Saxer recorreu, trinta anos volvidos sobre o estudo de Fábrega Grau, para tentar uma reconstituição do relato primitivo do martírio de São Vicente. A análise cuidadosa dos textos de Prudêncio e de Santo Agostinho permitiram ao autor deduzir uma série de traços comuns e de diferenças reveladores de que, na primeira metade do século V, as versões disponíveis da *passio* de São Vicente já tinham sofrido importantes transformações narrativas, decorrentes do processo de tradicionalização. Perante tal constatação, restava, portanto, apenas a possibilidade de imaginar as sequências que poderiam ter feito parte do relato primitivo<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> H. DELEHAYE inscreveu a *passio* de São Vicente no grupo das narrativas hagiográficas a que chamou «épiques». Cf. «Les Passions des Martyrs et les Genres Littéraires», *Subsidia Hagiographica*, 13, Bruxelas, 1966 (2.ª edição), p. 171-226.

<sup>7</sup> A. FÁBREGA GRAU, *Pasionario Hispánico*, I, Madrid-Barcelona, 1953, p.p. 101-102.

<sup>8</sup> Victor SAXER, «La Passion de S. Vincent Diacre dans la Première Moitié du Ve Siècle. Essai de Reconstitution», in *Revue des Études Augustiniennes*, 35, 1989, p. 275-297.

Porém, entre 1991 e 2002, Saxer tomaria em mãos uma tarefa bem mais complexa: a de apurar as relações de dependência entre as várias versões da *passio* conhecidas, procurando ordená-las cronologicamente e, sempre que possível, identificar o seu contexto de produção<sup>9</sup>. Deste trabalho resultaram importantes conclusões, que constituem hoje a síntese mais rigorosa e completa sobre o assunto. Valerá a pena, por isso, lembrá-las aqui.

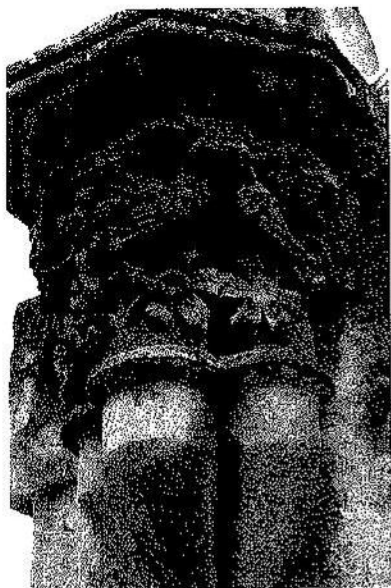
Se o relato do martírio de São Vicente foi na sua origem um relato factual, despojado da retórica do maravilhoso, é impossível saber. O que se apresenta como muito provável é que nos finais do século IV já existisse mais do que uma versão da *passio* do mártir, onde o tom «épico» seria a nota dominante; tom mais desenvolvido, porém, na versão usada por Prudêncio, na Hispânia, do que na versão usada por Santo Agostinho, no Norte de África. Destas duas versões não chegaram aos nossos dias nenhuns testemunhos. Deverá, no entanto, datar do século V a versão breve catalogada sob o número «BHL 8638», cujo testemunho mais antigo, proveniente da região milanesa, data do século VIII. Não parece ter sido aquela de que se serviu Prudêncio, mas nenhuma afirmação definitiva é possível neste domínio. De qualquer maneira, as diferentes análises feitas a este relato (a interna, e a que o compara com a versão «vulgata BHL 8631») levam a crer que seja o mais antigo de todos os que foram transmitidos pela tradição. Segue-se a versão «vulgata», ou «comum» (representada pelos testemunhos «BHL 8628-8631», os mais antigos dos quais se encontram fora da Hispânia), que foi escrita antes de meados do século VI, datação que decorre do facto de ter sido utilizada por Justo, bispo de Urgel (entre 516-546), num sermão em honra de São Vicente, e igualmente pelo autor anónimo do sermão conhecido pela palavra inicial, «Cunctorum», o qual foi escrito, segundo Badouin de Gaiffier, antes do final do século VII. A versão «comum», de origem hispânica, foi a mais divulgada durante a Alta Idade Média, encontrando-se representada no *Passionário Hispânico*, conservado por um testemunho do século X (Mosteiro de São Pedro de Cardena) e por outro do século XI (Mosteiro de Silos). Editaram-na C. Narbey, no *Supplément aux Acta Sanctorum pour des Vies de Saints de l'Époque Mérovingienne* (II, Paris, 1912, p. 221-228) e, como antes referi, Fábrega Grau, na obra intitulada *Pasionario Hispánico* (t. II, 1955, p. 187-196).

Tal versão viria a ser suplantada por outra, que terá sido reelaborada três séculos mais tarde, na Abadia de Saint-Germain des-Prés. Esta última caracteriza-se pela incorporação de várias amplificações, como as que se referem às origens familiares de Vicente e à figura de Valério, bispo de Saragoça («BHL 8630»). O manuscrito mais antigo que a transmite data do



São Vicente preso à colina e  
chiantado pelos esbirros (Pucieroni)  
VBR SECCÃO PINTELA

<sup>9</sup> Os estudos que foram dando corpo a este projecto de investigação encontram-se reunidos em Victor SAXER, «Saint Vincent, Diacre et Martyr. Culte et Légendes avant l'An Mil», *Subsidia Hagiographica*, 33, Société des Bollandistes, Bruxelles, 2007, p. 67-357. Também fazem parte desta colectânea o artigo citado na nota anterior e quatro outros sobre o culto de São Vicente na bacia mediterrânica, antes do ano 1000 (Península Ibérica, França, Itália e cidade italiana de Bérgamo).



Capital do Claustro  
Sé Patriarcal de Lisboa



Túmulo  
Sé Patriarcal de Lisboa

século IX e provém daquela abadia francesa, encontrando-se também nele outras memórias vicentinas, como, por exemplo, as versões em prosa e em verso da trasladação de São Vicente para o Mosteiro de Castres, escritas pelo monge Aimoin, de Saint-Germain-des Prés, nos finais do século IX. Na verdade, o interesse que por este tempo a abadia parisiense depositou na compilação de textos antigos e na escrita de novas memórias sobre São Vicente constitui o melhor argumento para o apuramento da origem e da datação da versão ampliada. Foi esta versão que editaram Thierry Ruinart, nas *Acta Martyrum Sincera* (Paris, 1689, p. 389-397), os bolandistas, nas *Acta Sanctorum* (Jan., T. II, 1643, p. 394-397), Bonino Mombrizio, no *Sanctuarium* (I. II, Paris, reedição de 1910, p. 625-630), e mais recentemente Daniel Ruiz Bueno, na *Biblioteca de Autores Cristianos* (Madrid, 1968, p. 999-1017). Dela resultou um texto mais abreviado («BHL 8632»), que também deverá ter saído do *scriptorium* da abadia parisiense de Saint-Germain-des-Prés, tal como presumivelmente aconteceu com o relato abreviado da trasladação das relíquias de São Vicente para o mosteiro aquitano de Castres. Deverá igualmente derivar da versão reescrita em Saint-Germain-des-Prés uma versão proveniente da região de Roma («BHL 8639») que apresenta duas variantes significativas: uma redacção um pouco diferente do prólogo e a interpolação de um episódio novo sobre o esquartejamento do mártir nos ramos de uma árvore, antes de ser preso. Esta versão terá sido redigida em data próxima da da redacção do seu modelo.

Do grande conjunto de versões catalogado pelos bolandistas, Victor Saxer isolou, portanto, cinco tipos que se diferenciam entre si e dos quais se destacam três principais (de que os outros derivam), correspondentes às etapas nucleares da evolução da tradição manuscrita da *passio* de São Vicente. Fora do âmbito dos seus estudos, Saxer deixou propositadamente ficar as versões posteriores ao ano 1000, o mesmo é dizer os resumos transmitidos, a partir do século XIII, por legendários, como, por exemplo, a *Legenda Aurea* de Jacopo de Varazze. Estes resumos, escritos primeiro em latim e traduzidos depois para as línguas vernáculas, propagaram-se intensamente até ao século XVI, por serem, sem dúvida, formas mais facilmente utilizáveis (do que as suas fontes latinas), quer na liturgia, quer na reflexão piedosa.

Também em Portugal a *passio* de São Vicente foi um dos textos mais copiados do *dossier* hagiográfico vicentino, nomeadamente ao longo do período medieval. Por exemplo, entre os manuscritos provenientes da livraria do Mosteiro de Alcobça encontram-se algumas das versões mais conhecidas daquela memória hagiográfica: a versão do *Passionário*

*Hispânico*, descendente da que circulou na Alta Idade Média, escrita na primeira metade do século VI (Alc. 413, leccionário do século XIII); a versão da segunda metade do século IX, reelaboração da anterior (Alc. 418, legendário dos séculos XII/XIII, e Alc. 448, *Speculum Sanctorale*, de Bernard Gui, século XIV); e, por fim, a versão tardia e resumida da *Legenda Aurea* de Jacopo de Varazze, obra escrita cerca de 1261-1266 (Alc. 39, do século XIV, e Alc. 40, dos séculos XIII/XIV).

Não se sabe de quando data a primeira tradução portuguesa da *passio*. É de pressupor que uma versão nesta língua tivesse figurado nalguma das colecções de vidas de santos «em linguagem» que se sabe terem existido em bibliotecas privadas e monásticas, mas de que não nos chegou nenhum exemplar. Apenas se conhece um fragmento de uma tradução portuguesa quatrocentista da *Legenda*, encontrado no Arquivo Municipal de Santiago de Compostela, em 1916<sup>10</sup>. A mais antiga tradução sobrevivente, «A Vida do Senhor Sam Vicête», encontra-se no *Flor Sanctorum*, impresso em 1513. Foi traduzida a partir da versão castelhana da *Legenda* de Jacopo de Varazze e nela sobressai a prolepse final que acrescenta à informação de que o corpo do mártir foi enterrado em Valência (após as vicissitudes do seu martírio) a de que, ao tempo da tradução portuguesa, aquele corpo se encontrava sepultado na «muy noble cidade de lizboa». Outros resumos da vida de São Vicente, inspirados no da *Legenda* de Varazze, foram integrando as várias colectâneas hagiográficas produzidas ao longo do século XVI. É disso exemplo a «Historia do invictissimo martyr S. Vicête, que foy martyrizado na cidade de Valêça na Hispânia», inserida na *Historia das Vidas e Feitos Heroicos & Obras Insignes dos Sanctos*, de Frei Diogo do Rosário (obra diversas vezes editada entre os anos de 1567 e de 1869/70). O resumo da vida de São Vicente em português será substituído, na sua função de leitura de reflexão piedosa (individual e colectiva), as longas versões latinas que fizeram parte das livrarias eclesiásticas da Alta, e também da Baixa, Idade Média. A forma resumida da *passio* deverá também, a par de outros resumos hagiográficos, ter sido usada como instrumento de evangelização nas terras descobertas pela expansão marítima portuguesa. Contudo, as versões latinas continuaram extensa ou abreviadamente a dar corpo às leituras históricas do ofício de São Vicente, rezado no dia 22 de Janeiro<sup>11</sup>.

A história da narração do martírio passou ainda por outros contextos de uso e evocação. A sua natureza didáctica foi explorada pelo dramaturgo quinhentista Afonso Álvares, no *Auto de Sam Vicente*, composto provavelmente a pedido dos cônegos do Mosteiro de São Vicente de Lisboa<sup>12</sup>. Escrito em redondilha tradicional, talvez no segundo quartel do século XVI,



Flaminha do Livro de Horas de D. Fernando (Portugal) do século XIV. VER SEÇÃO ILUMINAÇÕES E MANUSCRITOS

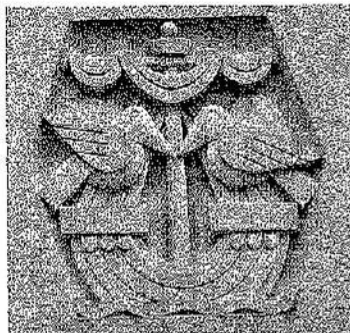
<sup>10</sup> Arthur VIEGAS, *Um Códice Português da Legenda Aurea: Fragmentos duma Versão inédita do Século XV*, Tipografia e Papelaria José Soares e Irmão, 1916.

<sup>11</sup> Cf. José FALCÃO, *O Mártir S. Vicente e a Sua Liturgia* (Resumo histórico. Exame dos textos litúrgicos), Lisboa, 1974 (2.ª ed. actualizada), p. 30-34.

<sup>12</sup> Afonso ÁLVARES, «Auto de Sam Vicente», edição de Israel S. Révah in *Bulletin d'histoire du Théâtre Portugais*, Tome II, Numéro 2, Institut Français au Portugal, Lisbonne, 1951, p. 217-251.

este drama hagiográfico inscreve-se na tradição dos milagres. Nelo, o tema religioso entrecruza-se com cenas de cunho profano, que por vezes se desenrolam ao sabor do humor que atravessa alguns autos de Gil Vicente, resultando desta mistura de registos uma abordagem acessível, de tom popular, à memória do martírio de São Vicente.

O relato deste martírio foi transmitido igualmente pela historiografia portuguesa. Encontramo-lo pela primeira vez na «Crónica do Reinado de D. Afonso Henriques», a primeira das sete que integram a *Crónica de Portugal de 1419*<sup>13</sup>, num resumo feito em português, a partir de uma das muitas versões latinas disponíveis em colecções hagiográficas, ou, mais provavelmente, de uma tradução portuguesa preexistente. A primeira frase («Comta a estoria do marter Sam Viçente que ele foy natural d.Osqua») parece remeter para a versão reelaborada no século IX, publicada por Ruinart em 1689, nas *Acta Primorum Martyrum Sincera et Selecta*. Associado aos relatos da transladação de São Vicente para o Algarve e para Lisboa, tal resumo da *passio* forma com eles um extenso bloco narrativo, cuja presença na crónica dedicada a D. Afonso I contribui, por um lado, para aprofundar a imagem do rei piedoso, responsável pela transferência das relíquias de São Vicente para Lisboa, concorrendo, por outro, para valorizar a figura do patrono de Lisboa, que encontra na crónica do primeiro rei um espaço privilegiado de memória biográfica. A inserção do resumo da *passio* na referida crónica quatrocentista reflecte igualmente condições específicas do presente da enunciação, que se prendem com a assumida devoção vicentina dos membros da casa de Avis, nomeadamente D. João I, e com um projecto de celebração historiográfica dos símbolos nacionais; projecto que a literatura de Quinhentos viria a prosseguir. O humanista André de Resende desempenhou um papel determinante na consolidação do estatuto ideológico alcançado por São Vicente na história cultural portuguesa. O poema épico que construiu em homenagem do mártir, *Vincentius Levita et Martyr*, é disso um bom exemplo. Também aqui a *passio* encontrou um lugar de referência. Porém, do século XVI em diante, o contexto de significação da *passio* haveria de circunscrever-se progressivamente à liturgia e às colecções hagiográficas.



Brasão de Armas da Cidade de Lisboa (Portmenor)  
VER SECÇÃO HERÁLDICA



Brasão de Armas da Cidade de Lisboa (Portmenor)  
VER SECÇÃO HERÁLDICA

<sup>13</sup> *Crónica de Portugal de 1419*, edição crítica, com introdução e notas de Adelino de Alcáida CALADO, Universidade de Aveiro, 1998. A matéria vicentina ocupa nesta crónica os capítulos 15 (*passio*), 16 (transladação de São Vicente para o Algarve e começo da usurpativa da transladação para Lisboa), 36 e 37 (continuação e conclusão desta última narrativa).